

1. O Início

Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios, das máquinas, dos documentos e instituições são exatamente os homens que a história pretende apreender.

Marc Bloch

Esta epígrafe do historiador Marc Bloch resume bem os questionamentos desse trabalho em relação à guerra de Canudos e as razões da busca das crianças sobreviventes e de suas histórias de vida.

Meu envolvimento com o tema começou em 2003 em uma das salas de aula da PUC-Rio. O curso era História do Brasil III da professora Margarida de Souza Neves e a aula era sobre Canudos. Naquele dia a professora levou as fotos de Flávio de Barros e a música de Gereba, um músico baiano que gravou um CD com músicas sobre Canudos, para ajudar a contar a experiência de Bello Monte. No decorrer da aula ela mostrou a foto dos quatrocentos prisioneiros, tirada logo após a rendição final, e ainda lembro do impacto que me causou ver aquele amontoado de mulheres e crianças maltrapilhos com olhar de desesperança e cercados pelo batalhão de polícia do Pará. Em algum momento subsequente ela disse que a república não poupou esforços para varrer Canudos do mapa e “*que Canudos tinha de ser apagado inclusive dos corações e das mentes dos canudinhos*”, ou seja, daquelas crianças que a guerra legara à condição de orfandade.

Margarida, desde então minha orientadora, não se lembra de ter dito a frase, mas eu nunca consegui esquecer. Guardei a aula, a foto, a frase *de cor*, de coração. A violência de tirar de crianças que já haviam perdido tudo, o direito sobre a sua própria história e sobre a memória de suas famílias me mobilizou. Assim, desde a monografia dediquei-me à pesquisa sobre as crianças de Canudos.

Uma guerra é sempre um confronto que pode envolver questões políticas, ideológicas, religiosas, étnicas, econômicas, territoriais ou a combinação de vários destes fatores. E é sempre uma disputa de poder levada às últimas consequências. O que sempre chamou minha atenção é que, fundamentalmente, além dos motivos listados, em primeira e em última instância uma guerra envolve pessoas. São

homens, mulheres, crianças que fazem, vivenciam e sofrem com o confronto. A guerra de Canudos, como todas as guerras, tirou muitas vidas, passou por outras, marcou todas, modificou tantas outras. E deixou um rastro de histórias perdidas.

O silêncio sobre o destino dos sobreviventes e especialmente aquele que pesou sobre as crianças órfãs de guerra sempre despertou minha atenção. O destino das crianças é ainda um tema pouquíssimo explorado pela historiografia. A principal razão é a dificuldade de encontrar pistas sobre suas vidas após a guerra e documentos que permitam explorar suas histórias. As crianças foram espalhadas pelo país e em sua maioria não foram adotadas legalmente. Viveram incorporadas às famílias que as recolheram e passaram à condição de crias da casa ou mesmo de criadas.

Outra razão do silêncio sobre essas crianças é uma historiografia de época marcada pelo relato daqueles que estiveram de algum modo ligados ao exército. Os relatos publicados eram, quase sempre, de médicos, oficiais do exército e jornalistas que estiveram nos acampamentos militares. Mesmo que existissem tentativas, aqui e ali, de denunciar violências cometidas pelo exército e que desmentiam o suposto apoio da monarquia ao Arraial, ainda assim predominou uma visão marcada pelo evolucionismo e pela dicotomia litoral civilizado versus sertão bárbaro. Os poucos sobreviventes canudenses calaram-se durante muito tempo.

Da graduação ao doutorado foi percorrido um longo caminho, por vezes mais longo e árduo do que o esperado ao me lançar ao desafio de tentar fazer falar os silêncios, como escreveu Lucien Febvre². No percurso, muitas conquistas, várias viagens Brasil afora e alguns momentos do mais absoluto desânimo. A pesquisa de campo foi o grande alicerce de todo o trabalho.. Saí à procura de indícios, pistas esquecidas, respostas para as muitas perguntas que me fazia em arquivos do Rio de Janeiro, de Salvador, de Canudos, de São Paulo, de Bebedouro, de Bragança Paulista, de Jaú, de Serra Negra, de Amparo, destinos às vezes esperados e outras vezes inesperados a que fui levada pelos fragmentos de informação encontrados. No mestrado respondi a pergunta do professor Calasans sobre o destino, depois de 1908, do jaguncinho que se fez professor primário em São Paulo. O jaguncinho em questão era Ludgero Prestes, o menino sertanejo

² Cf. Lucien FEBVRE. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

trazido por Euclides da Cunha após a guerra. Ludgero foi a primeira criança sobrevivente de Bello Monte de quem eu havia conseguido redesenhar o destino.

Após defender a dissertação de Mestrado escrevi um artigo sobre Ludgero para a *Revista de História da Biblioteca Nacional*³, que foi publicada em novembro de 2007. Em fevereiro de 2008 uma nova porta se abriu. Atendi o celular e do outro lado da linha uma menina me disse: “Oi Vanessa, sou Beatriz Prestes – a bisneta de seu canudinho”. Minha interlocutora inesperada tinha o nome de sua bisavó. A família tinha lido o artigo e conseguiu meu telefone com a revista. Perplexidade talvez seja a única palavra capaz de se aproximar do que senti ao falar com Beatriz. Depois de alguma conversa, sua mãe, Maria Regina Lima Prestes, neta de Ludgero, veio ao telefone. Foram dois anos de procura por pistas, indícios, e a família estava bem ali no interior de São Paulo. A expectativa de fazer um esboço biográfico de Ludgero Prestes, de preencher as muitas lacunas que haviam sido deixadas na dissertação acabava de tornar-se mais palpável. Talvez fosse possível preenche-las.

Dia 26 de fevereiro de 2008, uma terça-feira, cheguei a Bragança Paulista onde mora o neto mais velho de Ludgero, Licínio Lima Prestes. Ele e a esposa, Maria Lúcia Leme Prestes, me receberam muito bem. Licínio, mostrou-se comovido com o encontro, e também demonstrou ser uma pessoa bastante centrada, amável, culta, que admirava o avô, adorava a avó com quem conviveu bastante e, assim como sua esposa, queria sinceramente contar a história da família por entender a importância histórica de seu relato. Conversamos durante toda a manhã, e almoçamos na casa de uma das filhas de Licínio.

De lá, segui para Jaú para conhecer os outros descendentes do meu jaguncinho. No hotel encontrei com Nádia, a professora da Escola de Bebedouro e Elen, da assessoria de imprensa da cidade. Bebedouro, que eu conhecera quando da elaboração da dissertação, fez questão de me acompanhar para conhecer a família do primeiro diretor do primeiro Grupo Escolar da cidade. O encontro era com Maria Regina, irmã de Licínio, neta de Ludgero, e sua família. Uma família grande, calorosa, e que também estava ansiosa com o encontro. A entrevista foi um tanto confusa, permeada pela emoção, pelo barulho de todos falando ao

³ Vanessa Sattamini Varão MONTEIRO. *Pistas de um enigma*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, nº 26, pp16-23, novembro 2007.

mesmo tempo, de pessoas circulando pelo saguão do hotel, mas não importava, era quase inacreditável estar ali e a cada minuto passado entre eles uma nova descoberta descortinava-se à minha frente. De mais a mais, eu poderia preencher as lacunas da história que já tinha no dia seguinte. Esqueci a entrevista e fomos jantar. No dia seguinte, na casa de Regina, gravamos uma entrevista com mais tranquilidade. Fiz as perguntas que faltavam e, na medida do possível, preenchi as lacunas. Começava ali outra etapa do trabalho, e a futura tese de doutorado já tinha a trajetória de vida de Ludgero e de seus descendentes.

A partir do mestrado, dos artigos publicados e dos amigos feitos pelo caminho o leque de histórias de vida dos sobreviventes da guerra de Canudos foi lenta e surpreendentemente ampliado. A segunda história de vida veio através de um grande amigo, escritor e pesquisador de Canudos, Oleone Coelho Fontes, pois desde a minha viagem a Salvador e Canudos em 2005, o interesse comum pelo arraial do Conselheiro nos tornara próximos e passamos a trocar informações sobre nossas andanças e achados. Em uma de suas cartas Oleone me enviou o telefone de Eddy Montes, morador de Niterói, no Rio de Janeiro. Oleone havia conhecido o enteado de Eddy em Salvador, que lhe havia contado que o padastro era filho de um sobrevivente de Canudos. Procurei Eddy na mesma semana, fui à sua casa e ele me passou a cópia das memórias escritas cuidadosamente e detalhadamente pelo pai antes de morrer. Este era o meu segundo jaguncinho. A tese ganhava razão de ser.

O terceiro sobrevivente veio através de um telefonema. Uma senhora leu o artigo da *Revista de História* e ligou para a PUC-Rio para conseguir um contato comigo. Fui ao seu encontro e ela me contou os fragmentos que se lembrava da história de seu pai, uma criança de seis anos de idade durante a guerra. Esta foi a única história que não consegui contar inteira e com o respaldo de uma documentação que a legitimasse. Não encontrei nenhuma outra pista, informação ou documento sobre este sobrevivente senão a narrativa da filha. Esta foi uma história que eu não consegui fechar, mas ainda assim, esta registrada na conclusão da tese.

Embora a amostragem seja muito, muito pequena diante do universo de órfãos sobreviventes ao conflito, acredito que, ao contar estas três histórias de vida e puxar o fio desses três destinos, a tese, por um lado, acrescenta algo à

historiografia sobre Canudos, e por outro, permite relacionar essas vidas à lógica que preside o projeto de ordenação da Primeira República brasileira e aos códigos que regiam o conjunto da sociedade da época, tal como ensinou Jacques Revel ao propor que o historiador saiba situar seu objeto em *Jogos de Escalas*⁴. E, em um universo marcado por muitos silêncios acerca das histórias de vida de crianças sobreviventes, retrair três delas já significa um ganho.

Optei por iniciar esta introdução com o relato sobre os caminhos percorridos desde a graduação porque a pesquisa de campo foi fundamental para esta tese. Diria mesmo que sem ela não teria sido possível continuar a trabalhar com o tema. A pesquisa enriqueceu a análise proposta, trouxe descobertas, proporcionou o encontro com outros estudiosos interessados pelo tema, trouxe a oportunidade de conhecer as famílias dos sobreviventes e, de certa maneira, entrar no universo pessoal daqueles que eram meu objeto de estudo.

Feita esta ressalva, o objetivo desta tese de doutorado é analisar o destino de crianças sobreviventes da guerra de Canudos convertidas em butim de guerra através da história de vida de três meninos e das vias de inclusão e tutela a que foram submetidos, a escola, o exército e o trabalho como mediações de ordenação republicanas, sem deixar de tratar do destino daqueles que permaneceram no sertão. aqueles que voltaram depois da guerra e reconstruíram Canudos, os velhos moradores cuja função foi perpetuar a história.

A tese utiliza diferentes documentos registrados em diversos suportes que mencionam, mesmo que secundariamente, as crianças de Canudos. São relatos de época, livros, jornais, relatórios e cartas, fotografias, certidões, livros de registro de escolas, entrevistas de sobreviventes já publicadas e entrevistas com os descendentes de sertanejos de Canudos gravadas por mim para aprofundar a reflexão.

Para a análise dessa documentação, o trabalho opera com os conceitos de memória, esquecimento, ressentimento, lugar de memória, relíquias, alteridade e dialoga com autores que tratam o tema e desenvolvem reflexões teóricas que permitem construir e operar com os conceitos.

⁴ Cf. Jacques REVEL. *Jogos de Escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

Canudos teve a particularidade de ter sido um conflito registrado em fotografias, o que permitiu a seleção, no conjunto que forma a coleção de fotografias feitas por Flávio de Barros, das fotos que trazem crianças Canudenses para propor algumas leituras possíveis do trabalho desse fotógrafo de guerra. O trabalho utiliza ainda uma foto de crianças canudenses que foram matriculadas no colégio Salesiano de Salvador, fotos conservadas nos acervos familiares dos três meninos de Canudos que ganharam um rosto, uma trajetória de vida e um destino pessoal e profissional na pesquisa, para além da legenda comum das crianças sobreviventes de guerra, Ludgero, Melchiades e José Cavalcante.

A tese está dividida em seis capítulos contando-se esta Introdução e a Conclusão, como prevê o modelo da PUC-Rio. O capítulo 2, intitulado *A ordem pelo progresso: as mediações de ordenamento republicanas* pretende esboçar o contexto republicano no momento da Guerra de Canudos. O capítulo traça ainda as linhas gerais da atuação do Comitê Patriótico da Bahia, criado para atender as famílias dos militares que lutaram em Canudos e que socorreu também as mulheres e crianças sertanejas, ainda que este socorro estivesse pautado tanto pelos valores de sua época quanto pelo estranhamento diante do universo do sertão e pela fé nos ideais da Primeira República.

Essa análise permite entender os destinos tão variados destas crianças butim de guerra, a maneira indiscriminada pela qual foram distribuídas entre os soldados ou a população sertaneja e as duas grandes vias de inclusão ou de tutela: as casas de família e as instituições republicanas. Permite igualmente perceber a preocupação das autoridades em atestar a vitória da República e varrer Canudos, e tudo que ele representava, do mapa físico e histórico. A conversão das crianças em butim de guerra é a expressão trágica e uma representação eloquente das ambiguidades do conflito.

Este primeiro capítulo pretende sublinhar o desenraizamento sofrido pelas crianças sobreviventes da guerra e sua ordenação através de mediações que são, elas próprias expressivas dos valores republicanos da época. No caso das três crianças localizadas, a mediação utilizada pelos vencedores da guerra para o que viam como a regeneração da barbárie deu-se pela via do trabalho, da escola e pelo próprio exército.

O Capítulo 3, *Ludgero Prestes, o jaguncinho que virou professor* reconstrói a trajetória de vida do menino que trazido de Canudos por Euclides da Cunha, formou-se professor e chegou a Diretor de Grupo Escolar no interior de São Paulo e, através dela, sublinha a importância da escola e da educação escolar no projeto da Primeira República

Ao estabelecer a diferença entre educação e instrução, o capítulo permite aprofundar algumas questões significativas da história da educação e da experiência escolar da época e perceber como, pelas circunstâncias de ter sido entregue a um dos educadores importantes de São Paulo, o destino de Ludgero se afasta daquele da maioria das crianças de sua classe e condição e rompe a homogeneidade aparente da história de crianças órfãs convertidas em *crias da casa*, mão de obra explorada no trabalho doméstico e futuros trabalhadores subalternos. Ludgero se tornará, surpreendentemente, um professor que trilhará com sucesso a carreira do magistério até chegar a ser diretor de escola. Menos surpreendente é o caminho que tornou possível a transformação do menino de Canudos em cidadão republicano exemplar, formador de futuros cidadãos da república brasileira, já que esse caminho, que inclui a improvável circunstância de ter sido trazido pelas mãos de Euclides da Cunha e entregue a um prócer da educação, é o das relações pessoais e do apadrinhamento.

No Capítulo 4, *Melchiades: o menino que virou soldado* o ponto de partida é uma panorâmica que permite avaliar o papel e o lugar do exército nos primeiros anos republicanos ao mesmo tempo que, através das fotos de Flávio de Barros, fotógrafo que registrou o conflito, permite encontrar a presença de crianças no palco das operações militares e, com base em outros registros, perceber a existência de crianças que, perdidas e sozinhas depois das batalhas, se refugiavam junto ao exército e buscavam nos soldados o único apoio possível para sua sobrevivência.

A trajetória de uma destas crianças, Melchiades Rodrigues Montes, que levado do sertão por um soldado faz do próprio exército sua via de inserção, é exemplar. Ele acabou por ingressar na corporação e seguir a carreira militar. Após longa carreira no exército voltou ao sertão, às suas origens, e buscou sua família de sangue.

O Capítulo 5, *Retalhos de Histórias perdidas: a narrativa dos que voltaram* é dedicado às histórias de vida daqueles sobreviventes de guerra, homens, mulheres e crianças que voltaram para o sertão e construíram novamente Canudos. São histórias lacunares, mas que permitem entrever o que aconteceu com aqueles que não foram *redimidos*, e que foram reiteradamente excluídos. Foram estes velhos moradores que tiveram por função lembrar, ser a memória da guerra vista pelo lado dos que foram vencidos, não deixar que se apagasse a lembrança daqueles que não sobreviveram.

São eles o testemunho, no sentido que lhe empresta Heródoto, aqueles que viram com os próprios olhos, que viveram e seu relato torna-se essencial frente à ausência de indícios, de suportes materiais da memória de seu grupo de origem, de documentos que possam contar a história. Os sobreviventes tornaram-se narradores pelo simples fato de que não morreram, tornaram-se aqueles que levam adiante a história dos que não estão mais aqui para contar. Coube a eles a tarefa de reconstruir os rastros apagados. Segundo Jeanne Marie Gagnebin, as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados, num trabalho de luto⁵. Este também é o trabalho do sobrevivente. Assim como o historiador, a testemunha precisa manter viva a história dos mortos, dos sem nome que ficaram pelo caminho, do que foi silenciado, do que não cabia na versão oficial, do que perdeu na disputa de poder sempre presente na construção da história. São histórias de desencontros, e de reencontros, retalhos de memória que permitiram nomear muitos moradores do arraial e entender o dia a dia antes da guerra.

Na conclusão, como em uma viagem redonda, busco unir o início e o fim do trabalho realizado. Foi um longo e nem sempre fácil percurso. Mas valeu a pena.

⁵ Cf. Jeanne Marie GAGNEBIN. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.